

*CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE*

*A COISA À VOLTA  
DO TEU PESCOÇO*

*TRADUZIDO DO INGLÊS POR*

*ANA SALDANHA*



D. QUIXOTE



## ÍNDICE

Cela Um . . . . .	9
Imitação . . . . .	29
Uma Experiência Privada. . . . .	49
Fantasma . . . . .	63
Na Segunda-Feira da Semana Anterior . . . . .	81
Jumping Monkey Hill. . . . .	103
A Coisa à Volta do Teu Pescoço. . . . .	123
A Embaixada Americana . . . . .	137
O Estremecimento . . . . .	151
Casamenteiros. . . . .	175
Amanhã É Demasiado Tarde . . . . .	195
A Historiadora Obstinada . . . . .	205



## CELA UM

A primeira vez que nos assaltaram a casa, foi o nosso vizinho Osita que trepou pela janela da sala de jantar e nos roubou o televisor, o leitor de vídeo e as videocassetes de *Purple Rain* e de *Thriller* que o meu pai tinha trazido da América. A segunda vez que nos assaltaram a casa foi o meu irmão Nnamabia que encenou um arrombamento e roubou as joias da minha mãe. Aconteceu num domingo. Os meus pais tinham ido à terra visitar os nossos avós, por isso Nnamabia e eu fomos à missa sozinhos. Ele levou o *Peugeot 504* verde da minha mãe. Sentámo-nos juntos na igreja, como de costume, mas não nos acotovelámos nem reprimimos risinhos por causa do chapéu feio de alguém ou de um café no fio, porque Nnamabia saiu sem dizer uma palavra ao fim de dez minutos. Voltou mesmo antes de o padre dizer: – A missa terminou. Ide em paz. – Eu fiquei um bocado amuada. Supus que ele tinha saído para ir fumar e para se encontrar com alguma rapariga, já que, por uma vez, tinha o carro só para ele, mas podia pelo menos ter-me dito aonde ia. Fomos para casa em silêncio, e depois de ele estacionar no acesso comprido da nossa casa, eu parei para apanhar umas flores do arbusto de ixora enquanto ele abria a porta de casa. Quando entrei, encontrei-o parado no meio da sala.

– Fomos roubados! – disse ele em inglês.

Demorei um momento a compreender, a apreender a sala revolvida. Logo nessa altura senti que havia algo de teatral na maneira como as gavetas estavam abertas, como se tivessem sido puxadas por alguém que quisesse causar uma determinada impressão em quem viesse a descobrir a cena. Ou talvez fosse simplesmente o facto de eu conhecer tão bem o meu irmão. Mais tarde, quando os meus pais voltaram para casa e os vizinhos começaram a aparecer para dizerem *ndo*, estalarem os dedos e encolherem os ombros, eu deixei-me ficar sentada no meu quarto no primeiro andar, sozinha, e compreendi porque sentia um aperto no estômago: tinha sido Nnamabia, eu sabia. O meu pai também sabia. Chamou a atenção para o facto de a adufa da janela ter sido retirada pela parte de dentro e não pela parte de fora (Nnamabia era na verdade muito mais esperto do que isso; talvez estivesse com pressa de voltar para a igreja antes de acabar a missa), e de o ladrão saber exatamente onde estavam as joias da minha mãe – no canto esquerdo do seu baú de metal. Nnamabia fitou o meu pai com um olhar dramático e magoado e disse:

– Sei que vos causei um sofrimento terrível no passado, mas nunca violaria a vossa confiança desta maneira.

Falou em inglês, usando palavras desnecessárias como «sofrimento terrível» e «violar», como sempre fazia quando estava a defender-se. Depois saiu pela porta das traseiras e não voltou para casa nessa noite. Nem na noite seguinte. Nem na noite a seguir a essa. Regressou duas semanas depois, escanzelado, a tresandar a cerveja, a chorar e a dizer que estava arrependido e que tinha penhorado as joias aos comerciantes haúças em Enugu e que todo o dinheiro se tinha ido.

– Quanto te deram pelo meu ouro? – perguntou-lhe a minha mãe.

E quando ele lhe disse, ela deitou as mãos à cabeça e gritou: – Oh! Oh! *Chi m egbuo m!* O meu Deus matou-me!

Era como se ela sentisse que o mínimo que ele poderia ter feito era conseguir um bom preço. Apeteceu-me esbofeteá-la. O meu pai

pediu a Nnamabia que escrevesse um relatório: como tinha vendido as joias, aquilo em que gastara o dinheiro, com quem o gastara. Não achei que Nnamabia fosse dizer a verdade e também não me parece que o meu pai acreditasse que ele o faria, mas gostava de relatórios, o meu pai, o professor universitário, gostava das coisas escritas e bem documentadas. Além disso, Nnamabia tinha dezassete anos e uma barba bem cuidada. Estava naquela fase entre o secundário e a universidade em que já era demasiado crescido para apanhar uns açoites. Que mais podia o meu pai fazer? Depois de Nnamabia escrever o relatório, o meu pai arquivou-o no armário metálico do seu escritório onde guardava os nossos papéis da escola.

– Que ele conseguisse magoar a mãe desta maneira – foi a última coisa que o meu pai disse, entre dentes.

Mas Nnamabia não tinha tido a intenção de a magoar. Fê-lo porque as joias da minha mãe eram a única coisa com algum valor na nossa casa: uma coleção feita ao longo da vida de peças de ouro maciço. Fê-lo, também, porque outros filhos de professores universitários andavam a fazê-lo. Era a época dos roubos no nosso *campus* tranquilo de Nsukka. Rapazes que haviam sido criados a ver a Rua Sésamo, a ler a Enid Blyton, a comer flocos de cereais ao pequeno-almoço, a frequentarem a escola primária do pessoal universitário com as suas sandálias castanhas bem engraxadas andavam agora a cortar os mosquiteiros das janelas dos vizinhos, a tirar as adufas das janelas e a trepar para dentro das casas para roubar televisores e leitores de vídeo. Nós conhecíamos os ladrões. O *campus* de Nsukka era um local tão pequeno – com as casas lado a lado em ruas orladas por árvores, separadas apenas por sebes baixas – que era impossível não sabermos quem andava a roubar. Mesmo assim, quando os pais dos culpados se encontravam no clube dos professores, na igreja ou em reuniões do corpo docente, continuavam a queixar-se da escumalha da cidade que vinha ao seu bendito *campus* roubar.

Os rapazes que roubavam eram os mais populares. Conduziam o carro dos pais à noite, com o assento rebatido e os braços esticados para chegar ao volante. Osita, o vizinho que nos tinha roubado o

televisor algumas semanas antes do incidente com Nnamabia, era ágil e bem-parecido, do tipo macambúzio, e movia-se com a graciosidade de um gato. Trazia sempre a camisa bem engomada; eu costumava espreitar por cima da sebe e ao vê-lo fechava os olhos e imaginava que ele estava a caminhar na minha direção, que vinha reclamar-me como sua. Ele nunca deu por mim. Quando nos roubou, os meus pais não foram a casa do professor Ebube pedir-lhe que mandasse o filho devolver-nos o que era nosso. Disseram publicamente que tinha sido obra de escumalha da cidade. Mas sabiam que tinha sido Osita. Osita era dois anos mais velho do que Nnamabia; a maior parte dos rapazes que roubavam era um pouco mais velha do que Nnamabia, e talvez fosse essa a razão pela qual Nnamabia não foi roubar a casa de outra pessoa. Talvez não se sentisse com idade suficiente, com habilitações suficientes para algo mais importante do que as joias da minha mãe.

Nnamabia era a cara chapada da minha mãe, com aquela pele clara, cor de mel, os olhos grandes e uma boca generosa e perfeitamente desenhada. Quando a minha mãe nos levava ao mercado, os vendedores diziam em voz alta:

– Ei! Madame, para que desperdiçou a sua pele clara num rapaz e deixou a menina tão escura? O que é que anda um rapaz a fazer com tanta beleza?

E a minha mãe ria, como se se responsabilizasse, marota e contente, pelos encantos de Nnamabia. Quando, aos onze anos, Nnamabia partiu a vidraça da janela da sua sala de aulas com uma pedra, a minha mãe deu-lhe dinheiro para a substituir e não contou nada ao meu pai. Quando ele perdeu uns livros da biblioteca no segundo ano, ela disse à professora que o nosso empregado os tinha roubado. Quando, no terceiro ano, ele saía mais cedo para ir à catequese e acabou por se saber que não tinha ido uma única vez e que por isso não podia fazer a comunhão, ela disse aos outros pais que ele estava com malária no dia do exame. Quando Nnamabia pegou na chave do carro do meu pai e a copiou num pedaço de sabão que o meu pai descobriu antes de ele ter tempo de a levar a uma loja de chaves,

ela disse umas coisas vagas sobre como ele andava só a fazer umas experiências e isso não queria dizer absolutamente nada. Quando ele roubou do escritório do meu pai as perguntas do exame e as vendeu aos alunos dele, ela gritou com ele, mas depois disse ao meu pai que, ao fim e ao cabo, Nnamabia tinha dezasseis anos, e realmente deviam aumentar-lhe a mesada.

Não sei se Nnamabia sentiu remorsos por lhe ter roubado as joias. Eu nem sempre conseguia adivinhar, olhando para o rosto gracioso e sorridente do meu irmão, o que é que ele realmente sentia. E não falámos sobre o assunto. Embora as irmãs da minha mãe lhe tenham mandado os seus brincos de ouro, embora ela tenha comprado um conjunto de brincos e pingente a Mrs. Mozie, a senhora sofisticada que importava ouro da Itália, e tenha começado a ir a casa de Mrs. Mozie uma vez por mês para o pagar a prestações, nunca mais falámos, depois daquele dia, sobre o facto de Nnamabia ter roubado as joias. Era como se fingir que Nnamabia não tinha feito aquilo lhe desse uma oportunidade para começar de novo. Talvez o roubo não voltasse a ser mencionado se Nnamabia não tivesse sido detido, três anos depois, no seu terceiro ano na faculdade, e levado para a esquadra.

Era a época dos cultos no nosso tranquilo *campus* de Nsukka. Era a altura em que se podia ler em cartazes por toda a universidade, a negrito, DIZ NÃO AOS CULTOS. Os Black Axe, os Buccaneers e os Pirates eram os mais conhecidos. Talvez tivessem começado por ser grupos inofensivos, mas tinham evoluído e chamavam-lhes agora «cultos»; rapazes de dezoito anos que tinham aperfeiçoado o modo de andar gingão dos vídeos de *rap* americano andavam agora a submeter-se a iniciações secretas e estranhas que, por vezes, deixavam um ou dois deles mortos em Odim Hill. Armas e lealdades divididas e machados tinham-se tornado comuns: um rapaz fazia olhinhos a uma rapariga, que afinal era a namorada do Capone dos Black Axe, e mais tarde esse rapaz, a caminho de um quiosque para comprar um cigarro, era esfaqueado na coxa, e vinha-se a saber que era membro dos Buccaneers, e por isso os seus colegas dos Buccaneers

iam a uma cervejaria e atingiam com um tiro o ombro do rapaz dos Black Axe que estivesse mais próximo, e depois no dia seguinte um membro dos Buccaneers era morto a tiro no refeitório e caía por cima das tigelas de alumínio da sopa, e nessa noite um rapaz dos Black Axe era morto à machadada no seu quarto numa residência universitária masculina, e o seu leitor de CD ficava salpicado com sangue. Não fazia sentido. Era tão anormal que rapidamente se tornou normal. As raparigas não saíam das residências depois das aulas, os professores tremiam, e quando uma mosca zunia mais alto as pessoas ficavam com medo. Por isso, a polícia foi chamada. Atravessaram o *campus* a toda a velocidade nos seus *Peugeot 505* todos desconjuntados, com armas enferrujadas a despontarem das janelas dos carros e arregalaram os olhos aos estudantes. Nnamabia veio para casa das aulas a rir. Achava que a polícia tinha de se esforçar mais; toda a gente sabia que os rapazes dos cultos tinham armas mais modernas.

Os meus pais olharam para o rosto galhofeiro de Nnamabia com uma preocupação silenciosa e eu sabia que também eles estavam a perguntar-se se ele pertenceria a um culto. Às vezes, eu achava que sim. Os rapazes dos cultos eram populares e Nnamabia era muito popular. Outros rapazes gritavam a sua alcunha – «*The Funk!*» – e davam-lhe um aperto de mão sempre que ele passava, e as raparigas, especialmente as Big Chicks, que eram populares, davam-lhe abraços demasiado prolongados quando lhe diziam olá. Ele ia a todas as festas, às bem-comportadas no *campus* e às mais loucas na cidade, e era o tipo de homem que agrada às mulheres mas com quem os homens também se dão bem, o tipo que fuma um maço de *Rothmans* por dia e sobre quem constava que era capaz de despachar uma dúzia de cervejas *Star* de uma assentada. Noutras ocasiões, eu achava que ele não pertencia a nenhum culto, porque era *tão* popular e parecia mais o seu estilo dar-se bem com todos os rapazes dos diferentes cultos e não ser inimigo de ninguém. E eu também não estava convencida de que o meu irmão tivesse o que era preciso – garra ou insegurança – para aderir a um culto. Na única

vez em que lhe perguntei se pertencia a um culto ele fitou-me com surpresa, com os seus olhos de pestanas compridas e espessas, como se eu devesse ter juízo suficiente para não fazer a pergunta, antes de me dizer: – É claro que não.

Acreditei nele. O meu pai também acreditou nele. Mas acreditarmos nele não fez grande diferença, porque ele já tinha sido preso e acusado de pertencer a um culto. Disse-me isto, «É claro que não», na nossa primeira visita à esquadra onde estava preso.

Foi assim que aconteceu: numa segunda-feira de tempo húmido, quatro elementos de um culto esperaram ao portão do *campus* e fizeram parar uma professora que ia ao volante de um *Mercedes* vermelho. Apontaram-lhe uma arma à cabeça, puxaram-na para fora do carro e conduziram o carro até à Faculdade de Engenharia, onde dispararam sobre três rapazes que vinham a sair das salas de aulas. Era meio-dia. Eu estava numa aula ali perto e quando ouvimos os estampidos, o nosso professor foi o primeiro a sair a correr da sala. Ouviram-se gritos e subitamente as escadarias ficaram cheias de alunos desvairados, sem saberem em que direção fugir. Lá fora, três corpos jaziam no relvado. O *Mercedes* vermelho tinha desaparecido com um chiar de pneus. Muitos estudantes fizeram as malas à pressa e os condutores de *okada* cobraram o dobro do costume para os levar ao parque das camionetas. O vice-reitor anunciou que todas as aulas noturnas seriam canceladas e que toda a gente tinha de estar dentro de casa depois das nove da noite. Não me parecia que isto fizesse grande sentido, já que o tiroteio tinha ocorrido em plena luz do dia, e talvez também não fizesse grande sentido para Nnamabia, porque no primeiro dia do recolher obrigatório não estava em casa às nove horas nem voltou para casa nessa noite. Supus que ele tivesse ficado em casa de um amigo; nem sempre vinha dormir a casa, de qualquer maneira. Na manhã seguinte, um segurança veio dizer aos meus pais que Nnamabia tinha sido preso num bar, juntamente com alguns rapazes de um culto e que o

tinham levado numa carrinha da polícia. A minha mãe gritou: – *Ekwuzikwana!* Não diga isso! – e o meu pai agradeceu calmamente ao segurança. Fomos de carro à esquadra na cidade. Lá, um agente que estava a morder a tampa suja de uma esférica disse: – Refere-se àqueles rapazes dos cultos que foram presos ontem à noite? Levaram-nos para Enugu. Um caso muito sério! Temos de pôr fim a este problema dos cultos de uma vez por todas!

Voltámos a meter-nos no carro e um novo medo apoderou-se de nós. Nsukka – o nosso *campus* tranquilo e insular, e a cidade ainda mais tranquila e insular – era fácil de controlar; o meu pai conhecia o superintendente da polícia. Mas Enugu era anónima, a capital do estado, com a Divisão Mecanizada do Exército Nigeriano e o quartel-general da polícia e sinaleiros em cruzamentos movimentados. Era lá que a polícia podia fazer aquilo que tinha a fama de fazer quando estava sob pressão para apresentar resultados: matar pessoas.

A esquadra de Enugu ficava num vasto complexo murado cheio de edifícios; carros cobertos de pó e em mau estado estavam amontoados junto ao portão, perto da tabuleta que dizia GABINETE DO COMISSÁRIO DE POLÍCIA. O meu pai continuou a conduzir na direção do edifício baixo e retangular no outro extremo do complexo. A minha mãe subornou os dois polícias na receção com dinheiro e arroz *jollof* e carne, tudo metido num saco preto impermeável, e eles deram autorização a Nnamabia para sair da cela e vir sentar-se connosco num banco à sombra de uma musanga. Ninguém lhe perguntou porque é que não tinha vindo para casa nessa noite, quando sabia que tinha sido decretado o recolher obrigatório. Ninguém disse que era irracional da parte dos polícias entrarem num bar e prenderem todos os rapazes que lá estavam a beber, assim como o empregado do bar. Em vez disso, escutámos Nnamabia. Sentou-se a cavalo no banco, com uma marmita com arroz e frango à sua frente e os olhos brilhantes de expectativa: um artista prestes a entrar em palco.

– Se governássemos a Nigéria como esta cela – disse –, não teríamos problemas neste país. As coisas são tão organizadas. A nossa cela tem um chefe chamado General Abacha e ele tem um número dois. Mal se entra, tem de se lhe dar algum dinheiro. Se não dermos, metemo-nos em trabalhos.

– E tu tinhas dinheiro? – perguntou a minha mãe.

Nnamabia sorriu; estava ainda mais bonito, com uma mordida de inseto na testa que parecia uma borbulha, e disse em igbo que tinha enfiado o dinheiro no ânus pouco depois de ser detido no bar. Sabia que a polícia lho tiraria se ele não o escondesse e sabia que iria precisar dele para comprar a sua segurança na cela. Deu uma dentada numa coxa de frango frito e passou para inglês.

– O General Abacha admirou a maneira como escondi o dinheiro. Fiz por cair nas boas graças dele. Ando sempre a elogiá-lo. Quando os homens mandaram todos os recém-chegados agarrar nas orelhas e dar saltos à rã ao ritmo da sua cantoria, ele deixou-me parar ao fim de dez minutos. Os outros tiveram de continuar quase mais trinta minutos.

A minha mãe cruzou os braços sobre os ombros, como se sentisse frio. O meu pai não dizia nada, olhava com atenção para Nnamabia. E eu imaginei-o, ao meu irmão precavido, a enrolar notas de cem nairas com a forma de cigarros e a meter a mão na parte de trás das calças e a enfiá-las, a custo, dentro de si próprio.

Mais tarde, quando regressávamos a Nsukka, o meu pai disse: – Era isto que eu devia ter feito quando ele assaltou a casa. Devia tê-lo mandado prender numa cela.

A minha mãe olhava em silêncio pela janela.

– Porquê? – perguntei.

– Porque isto, por uma vez, abalou-o. Não repararam? – perguntou o meu pai com um sorrisinho.

Eu não tinha visto nada. Não naquele dia. Nnamabia parecia-me ótimo, mesmo com a história de meter o dinheiro no ânus e tudo.

\*

O primeiro choque de Nnamabia foi ver o Buccaneer a soluçar. O rapaz era alto e duro e constava que tinha sido o responsável por uma das mortes e que era candidato a Capone no semestre seguinte, e no entanto ali estava ele na cela, agachado e a soluçar depois de o chefe lhe ter dado um cachaço. Nnamabia contou-me isto durante a nossa visita no dia seguinte, num tom de desprezo e de decepção; era como se subitamente tivesse sido obrigado a ver que o Incrível Hulk não passava realmente de tinta verde. O seu segundo choque, alguns dias depois, foi com a Cela Um, a cela a seguir à dele. Dois polícias tinham tirado um homem morto e já inchado da Cela Um e pararam junto à cela de Nnamabia para se assegurarem de que o cadáver era visto por todos.

Até mesmo o chefe da sua cela parecia recear a Cela Um. Quando soltavam Nnamabia e os seus colegas de cela no pátio ao ar livre para se lavarem – os que tinham posses para comprar água para se lavarem nos baldes de plástico que em tempos tinham contido tinta – os polícias ficavam a vigiá-los e muitas vezes berravam: – Para com isso, ou vais já para a Cela Um.

Nnamabia tinha pesadelos com a Cela Um. Não conseguia imaginar um lugar pior do que a sua cela, que estava tão sobrelotada que muitas vezes ele ficava esmagado contra a parede rachada. Viviam minúsculos *kwalikwata* dentro das brechas, cuja mordida era extremamente dolorosa, e quando ele soltava gritinhos os seus colegas de cela chamavam-lhe Menino de Banana e Leite, Menino da Universidade, Menino Ié-ié Fino.

Eram demasiado pequenos para a sua mordida causar tanta dor, aqueles insetos. A mordida deles era pior durante a noite, quando todos tinham de dormir de lado, alinhados, as cabeças junto aos pés do vizinho, a não ser o chefe, que dormia regaladamente de costas. Era o chefe que distribuía os pratos de *garri* e sopa aguada que eram empurrados para dentro da cela todos os dias. Cada pessoa recebia duas colheradas. Nnamabia contou-nos isto durante a primeira semana. Enquanto ele falava, pensei se os insetos da parede também o tinham mordido na cara, ou se os inchaços que se espalhavam

pela sua testa seriam de alguma infecção. Alguns tinham uma ponta com pus da cor de natas. Ele estava a coçá-los quando disse: – Tive de cagar num saco impermeável hoje, de pé. A sanita estava demasiado cheia. Só a esvaziam ao sábado.

O seu tom era histriónico. Apeteceu-me pedir-lhe que se calasse, porque ele estava a gostar do seu papel de vítima de afrontas e porque não compreendia a sorte que tinha por os polícias lhe permitirem sair da cela e vir comer a nossa comida, nem reconhecia a estupidez de ter ficado fora de casa a beber naquela noite e a incerteza das suas hipóteses de ser libertado.

Visitámo-lo todos os dias na primeira semana. Íamos no *Volvo* velho do meu pai, porque o *Peugeot 504* da minha mãe, ainda mais velho, não era seguro para viagens para fora de Nsukka. Quando passámos pelos postos de controlo da polícia na estrada, reparei que os meus pais estavam diferentes – era subtil, mas estavam diferentes. O meu pai já não se lançava num monólogo, mal nos acenavam para seguirmos, sobre o analfabetismo e a corrupção da polícia. Não trazia à baila o dia em que nos tinham atrasado uma hora porque ele se tinha recusado a suborná-los, ou a forma como tinham mandado parar um autocarro em que a minha linda prima Ogechi viajava, implicando com ela, chamando-lhe puta por ter dois telemóveis e exigindo-lhe tanto dinheiro que ela se ajoelhou no chão à chuva a suplicar-lhes que a deixassem ir embora, visto que o autocarro dela já tinha sido autorizado a partir. A minha mãe não resmungou: – São sintomas de um mal-estar generalizado. – Em vez disso, os meus pais mantiveram-se em silêncio. Era como se recusarem-se a criticar a polícia como de costume de alguma forma tornasse a libertação de Nnamabia iminente. «Delicado» era a palavra que o superintendente em Nsukka tinha usado. Conseguir que Nnamabia saísse em breve seria delicado, especialmente com o comissário da polícia em Enugu a dar entrevistas na televisão, todo satisfeito e inchado de orgulho, sobre os cultistas detidos. O problema dos cultos

era sério. Grandes Homens em Abuja estavam a seguir os acontecimentos. Toda a gente queria dar a impressão de que estava a fazer alguma coisa.

Na segunda semana, eu disse aos meus pais que não íamos visitar Nnamabia. Não sabíamos quanto tempo teríamos de continuar a fazê-lo, e a gasolina era demasiado cara para andar de carro três horas todos os dias e não fazia mal nenhum a Nnamabia fazer pela vida sozinho por um dia.

O meu pai olhou para mim, surpreso, e perguntou: – O que é que queres dizer?

A minha mãe mirou-me de alto a baixo, encaminhou-se para a porta e disse que ninguém estava a pedir-me que viesse; eu podia deixar-me ficar sentada sem fazer nada enquanto o meu irmão inocente sofria. Estava a dirigir-se para o carro e eu corri atrás dela e quando cheguei lá fora não sabia o que fazer, por isso peguei numa pedra que estava perto do arbusto de ixora e atirei-a ao para-brisas do *Volvo*. O para-brisas estalou. Ouvi o estalido e vi as linhas minúsculas a espalharem-se como raios no vidro antes de me voltar e ir a correr para o andar de cima e me fechar à chave no quarto para me proteger da fúria da minha mãe. Ouvi-a berrar. Ouvi a voz do meu pai. Por fim, fez-se silêncio e não ouvi o motor do carro. Nesse dia, ninguém foi visitar Nnamabia. Surpreendeu-me, esta pequena vitória.

Visitámo-lo no dia seguinte. Não dissemos nada sobre o para-brisas, embora as rachadelas tivessem alastrado como ondas num ribeiro gelado. O polícia na receção, o simpático de pele escura, perguntou porque é que não tínhamos vindo no dia anterior; tinha sentido a falta do arroz *jollof* da minha mãe. Eu estava a contar que Nnamabia perguntasse também, até mesmo que estivesse melindrado, mas ele parecia estranhamente moderado, com uma expressão que eu nunca lhe tinha visto. Não comeu o arroz todo. Estava sempre a desviar o olhar na direção do monte de carros meio queimados na extremidade do recinto, os restos de acidentes.

– O que é que se passa? – perguntou a minha mãe, e Nnamabia começou a falar quase imediatamente, como se só estivesse à espera de que lhe perguntassem. Mantinha o mesmo tom em igbo, sem altos nem baixos na voz. Um velho tinha sido atirado para a sua cela no dia anterior, um homem talvez dos seus setenta e tal anos, de cabelo branco, pele cheia de rugas finas, com os modos antiquados de um funcionário público aposentado e incorrupto. O filho era procurado pela polícia por assalto à mão armada e quando a polícia não conseguiu encontrá-lo, decidiu prendê-lo a ele.

– O homem não fez nada – disse Nnamabia.

– Mas tu também não fizeste nada – disse a minha mãe.

Nnamabia abanou a cabeça como se ela não compreendesse. Nos dias seguintes, estava mais abatido. Falava menos, e principalmente sobre o velho: como ele não tinha dinheiro e não podia comprar água para se lavar, como os outros homens faziam pouco dele ou o acusavam de estar a esconder o filho, como o chefe o ignorava, como parecia assustado e tão terrivelmente pequeno.

– Ele sabe onde está o filho? – perguntou a minha mãe.

– Já não o vê há quatro meses – disse Nnamabia.

O meu pai disse algo sobre o facto de ser irrelevante se o homem sabia ou não onde estava o filho.

– É claro – disse a minha mãe. – Está errado, mas é o que a polícia faz a toda a hora. Quando não encontram a pessoa de quem andam à procura, prendem-lhe o pai ou a mãe ou outro parente.

O meu pai sacudiu com a mão alguma coisa no joelho – um gesto de impaciência. Não compreendia porque é que a minha mãe estava a dizer o que era óbvio.

– O homem está doente – disse Nnamabia. – As mãos fartam-se de lhe tremer, mesmo quando está a dormir.

Os meus pais ficaram calados. Nnamabia fechou a marmita do arroz e voltou-se para o meu pai. – Quero dar-lhe um bocado desta comida, mas se a levar para dentro da cela o General Abacha fica com ela.

O meu pai foi até ao balcão da receção e perguntou ao polícia se poderiam permitir-nos ver o velho da cela de Nnamabia por uns minutos. O polícia era o de pele clara, o mal encarado que nunca agradecia quando a minha mãe entregava o arroz e o dinheiro do suborno. Riu-se na cara do meu pai e disse que já se arriscava a perder o emprego ao deixar sair Nnamabia e ainda por cima nós estávamos a pedir-lhe que outra pessoa fosse autorizada a sair? Julgávamos que aquilo era algum colégio interno em dia de visita? Não sabíamos que estávamos num centro de detenção de alta segurança para elementos criminosos da sociedade? O meu pai voltou para junto de nós e sentou-se com um suspiro e Nnamabia pôs-se a coçar em silêncio o seu rosto cheio de inchaços.

No dia seguinte, Nnamabia mal tocou no arroz. Contou que os polícias tinham atirado água com detergente para o chão e para as paredes da cela, para fazer a limpeza como de costume, e que o velho, que não tinha posses para comprar água e que já não se lavava há uma semana, se apressara a entrar na cela, tirara a camisa e esfregara as suas costas magras no chão molhado com o detergente. Os polícias desataram a rir quando o viram e disseram-lhe que tirasse toda a roupa e desfilasse no corredor fora da cela, e quando ele o fez riram-se ainda mais alto e perguntaram-lhe se o filho dele, o ladrão, sabia que o pénis do papá estava tão mirradinho. Nnamabia fitava o arroz amarelo-alaranjado enquanto contou isto e quando olhou para cima vi os olhos do meu irmão marejados – o meu irmão, tão experiente e sofisticado – e senti uma ternura por ele que não conseguiria explicar se me pedissem para o fazer.

Dois dias depois, houve outro ataque de cultos no *campus*: um rapaz atacou outro com um machado mesmo em frente do Departamento de Música.

– Isso é bom – disse a minha mãe, quando ela e o meu pai se preparavam para ir mais uma vez falar com o superintendente da

polícia de Nsukka. – Agora já não podem dizer que prenderam todos os rapazes dos cultos.

Não fomos a Enugu nesse dia, porque os meus pais demoraram muito tempo com o superintendente, mas voltaram com boas notícias. Nnamabia e o empregado do bar iam ser libertados imediatamente. Um dos rapazes dos cultos tornara-se informador e insistia que Nnamabia não era membro. Partimos mais cedo do que era costume, de manhã, sem arroz *jollof*, com o sol já tão quente que todas as janelas do carro estavam abertas. A minha mãe estava inquieta durante a viagem. Costumava dizer: – *Nekwa ya!* Cuidado! – ao meu pai, como se ele não fosse capaz de ver os carros a fazerem manobras perigosas na outra faixa, mas desta vez fê-lo com tal frequência que mesmo antes de chegarmos a Ninth Mile, onde os vendedores ambulantes se apinham à volta dos carros com os seus tabuleiros de *okpa* e ovos cozidos e caju, o meu pai parou o carro e resmungou: – Mas afinal quem é que vai a conduzir, Uzoamaka?

Dentro do vasto complexo da polícia, dois agentes estavam a vergastar alguém que estava deitado no chão à sombra da musanga. Ao princípio pensei, com um aperto no peito, que era Nnamabia, mas não era. Eu conhecia o rapaz que estava deitado no chão, a contorcer-se e a gritar a cada vergastada do *koboko* de um polícia. Chamava-se Aboy e tinha o rosto sério e feio de um cão de caça e andava de *Lexus* pelo *campus* e dizia-se que era Buccaneer. Tentei não olhar para ele quando entrámos na esquadra. O polícia de serviço, o que tinha marcas tribais nas faces e dizia sempre: – Deus vos abençoe – quando recebia o suborno, desviou os olhos quando nos viu. Senti a pele toda arrepiada. Adivinhei logo que se passava algo. Os meus pais deram-lhe o documento do superintendente. O polícia nem olhou para ele. Já sabia da ordem de libertação, disse ao meu pai, o empregado do bar já tinha sido solto, mas havia uma complicação com o rapaz. A minha mãe começou a gritar: – O rapaz? O que é que quer dizer? Onde é que está o meu filho?

O polícia levantou-se.

– Vou chamar o meu superior para lhe explicar a situação.

A minha mãe atirou-se a ele e puxou-lhe pela camisa. – Onde é que está o meu filho? Onde é que está o meu filho?

O meu pai arrancou-a à força e o polícia sacudiu a camisa, como se ela tivesse deixado alguma sujidade, antes de se virar e se afastar.

– Onde está o nosso filho? – perguntou o meu pai numa voz tão calma e dura que o polícia estacou.

– Levaram-no embora, senhor – disse ele.

– Levaram-no embora? – interrompeu a minha mãe. Ainda estava aos gritos. – O que é que você está a dizer? Mataram o meu filho? Mataram o meu filho?

– Onde é que ele está? – perguntou o meu pai mais uma vez no mesmo tom calmo de voz. – Onde está o nosso filho?

– O meu superior disse para o ir chamar quando os senhores chegassem – disse o polícia e desta vez voltou-se e apressou-se a sair por uma porta.

Foi depois de ele sair que eu me senti enregelada de medo, que quis correr atrás dele e, como a minha mãe, puxar-lhe pela camisa até ele nos trazer Nnamabia. O polícia mais graduado chegou e eu estudei-lhe o rosto completamente impassível à procura de uma expressão.

– Bom-dia, senhor – disse ele ao meu pai.

– Onde está o nosso filho? – perguntou o meu pai. A minha mãe estava ofegante. Mais tarde, apercebi-me de que naquele momento cada um de nós pensava que Nnamabia tinha sido morto por polícias que não hesitavam em puxar o gatilho por tudo e por nada e que a missão deste homem era encontrar a melhor mentira para nos contar sobre a forma como ele tinha morrido.

– Não há problema, senhor. Só o transferimos. Eu levo-o lá de imediato.

Havia uma espécie de nervosismo no polícia; o seu rosto continuava impassível, mas não olhava o meu pai nos olhos.

– Transferiram-no?

– Recebemos a ordem para o libertar hoje de manhã, mas ele já tinha sido transferido. Não temos gasolina, por isso eu estava à

espera de que o senhor chegasse para irmos juntos ao sítio onde ele está.

– Onde é que ele está?

– Noutro local. Eu levo-o lá.

– Porque é que ele foi transferido?

– Eu não estava cá, senhor. Disseram que ele se tinha portado mal ontem e que o levaram para a Cela Um e que depois houve uma transferência de todas as pessoas da Cela Um para outro local.

– Ele portou-se mal? O que é que quer dizer?

– Eu não estava cá, senhor.

A minha mãe falou então numa voz alquebrada. – Levem-me ao meu filho! Levem-me ao meu filho imediatamente!

Eu fui no banco de trás com o polícia. Ele cheirava ao tipo de cânfora velha que parecia persistir para sempre na arca da minha mãe. Não falámos, a não ser para ele indicar o caminho ao meu pai, até chegarmos, quinze minutos depois, com o meu pai a conduzir a alta velocidade, à velocidade a que o meu coração batia. O pequeno complexo parecia negligenciado, com garrafas velhas e sacos de plástico e papéis espalhados por todo o lado. O polícia mal esperou que o meu pai parasse para abrir a porta e sair a correr e, mais uma vez, eu senti-me enregelada de medo. Estávamos numa parte da cidade em que as estradas não eram asfaltadas e não tínhamos visto nenhuma tabuleta a dizer Esquadra da Polícia e pairava no ar uma espécie de quietude, uma sensação estranha de abandono. Mas o polícia saiu com Nnamabia. Lá estava ele, o meu belo irmão, a caminhar na nossa direção, igual ao costume, parecia, até se aproximar o suficiente para a minha mãe o abraçar, e eu vi que estremeceu e recuou; tinha o braço esquerdo coberto de vergões que pareciam estar em carne viva. Tinha uma crosta de sangue seco à volta do nariz.

– Nna-Boy, porque é que te bateram assim? – perguntou-lhe a minha mãe. Voltou-se para o polícia. – Porque é que vocês fizeram isto ao meu filho?

O homem encolheu os ombros, numa nova atitude de insolência; era como se antes não estivesse certo do estado de Nnamabia, mas agora pudesse permitir-se falar. – Vocês não sabem criar os vossos filhos, todos vocês que se sentem importantes porque trabalham na universidade. Quando os vossos filhos se portam mal, acham que eles não deviam ser castigados. Tem sorte, minha senhora, muita sorte por o terem libertado.

O meu pai disse: – Vamos embora.

Abriu a porta do carro e Nnamabia entrou e fomos para casa. O meu pai não parou em nenhum dos postos de controlo da polícia na estrada; num deles, um polícia fez um gesto de ameaça com a arma ao passarmos a toda a velocidade. A única coisa que a minha mãe disse na viagem que fizemos em silêncio foi se Nnamabia queria que parássemos em Ninth Mile para comprar *okpa*. Nnamabia disse que não. Já tínhamos chegado a Nsukka quando ele finalmente falou.

– Ontem, os polícias perguntaram ao velho se ele queria um balde de água de graça. Ele disse que sim. Então, eles disseram-lhe para tirar a roupa e desfilarem no corredor. Os colegas da cela riam-se. Mas alguns disseram que era errado tratar assim um homem de idade. – Nnamabia fez uma pausa, com um olhar distante. – Eu berrei ao polícia. Disse que o velho estava inocente e doente e que se o mantivessem preso nunca mais iam encontrar o filho dele, porque ele nem sequer sabia onde estava o filho. Disseram-me para me calar imediatamente, se não levavam-me para a Cela Um. Eu não me importei. Não me calei. Por isso, eles puxaram-me para fora e bateram-me e levaram-me para a Cela Um.

Nnamabia parou de falar e nós não lhe perguntámos mais nada. Em vez disso, imaginei-o a erguer a voz, a chamar ao polícia idiota, estúpido, covarde e fraco, sádico, filho da puta, e imaginei o choque dos polícias, o choque do chefe, a olhar fixamente de boca aberta, os outros colegas da cela atordoados com a audácia do jovem universitário bem-parecido. E imaginei o próprio velho a assistir à cena com orgulho e surpresa e a recusar-se calmamente a despir-se.

Nnamabia não disse o que lhe tinha acontecido na Cela Um nem o que lhe aconteceu no outro sítio, que me parecia ser onde punham as pessoas que mais tarde desapareceriam. Teria sido tão fácil para ele, para o meu encantador irmão, transformar a sua história num drama cheio de estilo, mas não o fez.

